



## EDITORIAL 2023/1

É com muita satisfação que apresentamos o volume 20, n. 1, da Revista Sacrilegens. Essa, que é a primeira edição da Revista Sacrilegens sob a responsabilidade da nova gestão, tendo à frente três mulheres como editoras – um marco simbólico para um espaço de tamanha importância. Simbólica é também a elevação de nosso *qualis*, que desde o último ano passou a ser A3, segundo a nova classificação da CAPES. Esse marco eleva não só a nossa responsabilidade para com a revista, enquanto editoras, mas também nossa responsabilidade e compromisso para com todas e todos que participam do processo editorial: autoras e autores, avaliadoras e avaliadores, conselho consultivo e equipe editorial.

Nesse volume, contamos com 17 artigos totais. Destes, 7 artigos compõem especificamente o Dossiê **Modernidade e Religião**. São eles: *Errâncias de Eros: discussões sobre o erótico sagrado no banquete de Platão e no erotismo de Bataille*, de Matheus Felipe Bezerra; *Modernidade e religião (e política) na proposta de filosofia transformativa de Sri Aurobindo*, de Daniel Faria Ribeiro; *Os sagrados subalternos: possibilidade epistemológica*, de Eduardo Ribeiro; *Das margens à margem: as colonialidades do poder, ser e saber e as trabalhadoras domésticas pretas*, de Thais Fernandes do Amaral; *Religião e mecanismo vitimário: René Girard sob a crítica decolonial*, de Rondinele Laurindo Felipe; *Axé do meu axé: uma perspectiva freiriana sobre o papel do candomblé em uma educação libertadora*, de Alan Paulo M. Savedra e Priscilla Portella P. Danille; e *O Comunismo, a Esquerda e a Família na Folha Universal no ano eleitoral de 2022*, de Isadora Almendagna, Fabrício Oliveira e Deivit Leite. Com todas essas contribuições, nosso objetivo foi o de manter uma abordagem teórico-filosófica que valoriza e estimula produções científicas a partir de uma perspectiva decolonial, dessa vez explorando conteúdos e perspectivas da modernidade para além de narrativas eurocêntricas. Todos os artigos que compõem o Dossiê trazem abordagens e perspectivas relevantes para reflexão e aprofundamento do debate acadêmico sobre o tema.



Além disso, esse volume traz 10 artigos adicionais, na seção de temática livre. São eles: *A invocação das Musas e o encantamento do mundo*, de Larissa Dantas C. Mello; *O simbolismo mágico-religioso da serpente nas tradições nórdica e finlandesa*, de Leandro Oliveira e Victor Hugo Sampaio Alves; *Atalia, a rainha regente de Judá (841 a 836 a.C.)*, de Matheus Carmo e Bruno A. Coelho; *Tudo é vaidade: uma crítica de Coélet ao javismo deuteronomista*, de Filipe Costa Machado; *Trocas de vestes e transformações: descrições análogas ao perispírito na literatura não canônica do judaísmo antigo*, de Daniel Salomão Silva; *O papel da linguagem na experiência religiosa a partir da obra De Magistro de Agostinho*, de Grazielle de Oliveira Mary Torres e Jungley de Oliveira Torres Neto; *“Do que dorme com mulher casada por sua vontade”*: *Matrimônio cristão e o controle dos corpos nas Ordenações Afonsinas (1448)*, de Ismael da Silva Nunes; *Banquete totêmico e a eucaristia católica: um paralelo entre os rituais pós-morte do pai primevo e o sacrifício de Cristo*, de Marcelo Roberto Monteiro e Ione Marques; *Diálogo inter-religioso sobre questões ambientais: explorando as doutrinas do Cristianismo e Budismo para um futuro sustentável*, de Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França; e, *Ensino Religioso à luz de um novo paradigma: pensamento complexo e transdisciplinar*, de Romário Evangelista e Gilbraz Aragão.

Um tema recorrente nessas publicações tem sido o debate sobre as questões de gênero, especialmente sobre a participação feminina dentro e fora dos ambientes religiosos na modernidade. Como mulheres, sabemos o quanto é importante e urgente ocupar esses espaços. Sabemos, também, que ocupá-los nunca é uma tarefa fácil. Em um mundo digital, em que tudo é instantâneo e urgente, a todo momento nos é exigido não só qualidade, mas perfeição: somos duas (às vezes três) vezes mais cobradas – se não pelos nossos colegas, por nós mesmas. Muitas de nós conciliam maternidade e a produção científica, desdobrando-se para dar conta de produzir artigos, participar de congressos, dar aulas, fazer pesquisa, manter os afazeres domésticos em dia, cumprindo, ainda, o papel de esposa, filha, trabalhadora, dona de casa...tudo isso somando-se as outras inúmeras exigências e desafios da vida acadêmica e pessoal.

Por vezes, a palavra insistir é pequena perto das dificuldades e contratemplos. Nesses casos, (R)existir parece mais adequado, especialmente porque o verbo se torna



ilustrador de nossas lutas. Mas não há de se romantizar a (r)existência: nos manter no espaço científico-acadêmico é um desafio diário. Produzimos muito e com qualidade, mas ainda publicamos pouco. Produzimos muito e com qualidade, mas ainda somos minoria nas cadeiras mais consagradas de nossa área. Por isso mesmo, as conquistas e as lutas por nossos direitos devem ser celebradas cotidianamente, mas sem deixar cair no esquecimento que, mesmo os direitos e os (ainda poucos) avanços alcançados, foram fruto de muita luta - e que não são definitivos. Como disse Simone de Beauvoir: “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”.

Apesar desses desafios, é fundamental que reconheçamos alguns esforços notáveis, como o empreendido por algumas instituições de ensino que estão implementando políticas e programas, que visam apoiar e incentivar a participação das mulheres na pesquisa. Devemos também mencionar as redes de apoio e de suporte às mulheres-pesquisadoras e mães, tais como a implementação de políticas de licença-maternidade, grupos de mentoria para as mulheres e a ampliação dos canais de denúncia de assédio e de políticas de proteção. Essas iniciativas são potentes para promover um ambiente de trabalho mais seguro e equitativo em relação a igualdade de gênero, mas ainda há muito que ser conquistado.

Por isso, nós, da atual gestão da Sacrilegens, acreditamos que, por meio de esforços contínuos e colaborativos, é possível suplantar os desafios e garantir que as mulheres tenham as mesmas oportunidades de sucesso na vida acadêmica. Por isso, incentivamos as mulheres-pesquisadoras na área da Ciência da Religião não apenas a submeterem artigos, como também que façam parte da equipe editorial e, além disso, atuem como pareceristas de nossa revista. É fundamental a nossa inserção em todas as pontas da produção científica.

Seguimos com muito esforço e resistência, mas sem esquecer de nosso compromisso e responsabilidade para com um campo científico verdadeiramente plural e democrático.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

*Giovanna Sarto  
Mara Bontempo Reis  
Maria Angélica Farias Jurity Martins*